***Conheça a história do Palácio dos Leões***

Imponente e majestoso, implantado no alto de uma colina, contempla o encontro dos rios Bacanga e Anil, de frente para a baia de São Marcos. Localizado na extremidade direita da avenida Pedro II, portentoso, o Palácio dos Leões, abriga a sede do Executivo estadual, tendo ao seu lado a Palácio La Ravardiére, sede do governo municipal. A sua frente, a Capitania dos Postos, sede da representação da Marinha de Guerra do Brasil e o Palácio Clovis Bevilácqua, sede do Poder Judiciário. De frente para a praça, a Catedral Metropolitana e o Palácio Episcopal, sede da Igreja Católica, no estado. Pela beleza que ostenta, o Palácio dos Leões é motivo de orgulho para os maranhenses. Nas suas salas, galerias e sótãos, aquele prédio guarda muitas histórias e lendas que povoam o imaginário popular.

***Maior símbolo da cultura***

A história do Palácio dos Leões, situado no Centro Histórico da cidade, começa no início do Século XVII e é um dos maiores símbolos da cultura maranhense. Desde a sua construção em 1626 e após sucessivas adjunções e modificações, o prédio foi descaracterizado e deteriorado ao longo dos anos, o que determinou a interdição da sua ala. Após o projeto de recuperação e restauração concluído em 2003, o prédio passou a ter as atuais características. Antes de São Luís ser uma cidade, ali foi um forte, que deu início ao povoamento. Ao seu redor nasceu uma vila.

Tratava-se de um uma edificação de estrutura primitiva para garantir o estabelecimento da Franca Equinocial, que foi iniciada em 1612, pela expedição colonizadora de Daniel de La Touche, com a proteção da rainha regente da França Maria de Médice. César Marques, no Dicionário Histórico-Geográfico do Maranhão, descreve que a fortaleza , então denominada For Saint-Louis, em homenagem ao rei Luís IX, de França, era feita de faxina e sua artilharia composta por vinte canhões montados pelos franceses com a ajuda dos indígenas, conforme descrito pelo frade capuchinho francês Claude d’Abbeville, no livro História dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão.

Com a expulsão dos franceses, o forte recebeu o nome de Forte de São Felipe, em 1615, em homenagem a Felipe III, monarca reinante em Portugal. Dentro do recinto do forte, o capitão-mor Jerônimo de Albuquerque deu início à construção da residência dos governadores, erguida em taipa por mão-de-obra indígena. O novo edifício, assim como a povoação foi projetado pelo engenheiro militar Francisco Frias de Mesquita.

***Primeira reconstrução***

Em 1624, o novo governador geral do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, determinou a reconstrução do forte de São Felipe, em pedra e cal, assim como a reconstrução da residência dos

governadores. A primitiva construção servia de moradia e para despachos administrativos, até 1762.

Em 1766, por determinação do governador Joaquim de Melo e Póvoas, o velho Palácio do Governo foi demolido, dando lugar a um novo edifício em pedra e cal, para melhor acomodar as famílias dos capitães-generais que lhe sucedessem. O novo palácio era sóbrio, com beirais salientes e telhado baixo. A entrada era pelo lado do edifício. Somente na reforma empreendida em 1857 é que foi deslocada para o centro da fachada principal.

***Do Império à República***

Durante todo o período do Império, o Palácio do Governo passou por muitas reformas. Dos melhoramentos, os mais significativos foram a iluminação a gás e o lajeamento do passeio da testada do edifício em pedra da cantaria portuguesa em 1863 e a aquisição de móveis e outros objetos em 1872.

No período da República, o antigo Palácio passou por sua primeira grande reforma em 1896, durante a administração de Manoel Inácio Belfort Vieira. A segunda reforma aconteceu em 1906, por Benedito Leite, responsável pela extensa ala nos fundos do Palácio, destinada à residêncoa do governador e aquisição de algumas mobílias e objetos de adorno, que mandou vir da Europa.

Em 1911, Luís Domingues assumiu o governo do Estado e encontrou o Palácio com pouca mobília, muitas salas necessitando de reparos, a fachada ainda no estilo colonial, apesar das alterações. Somente com a reforma executada no Governo de Magalhães de Almeida, em 1926, o palácio conquistou a imponência que hoje ostenta. Em 1990, os arquitetos Janete Costa e Gil Borsoi iniciaram um projeto de reforma visando melhorias significativas no Palácio do Governo maranhense visando “ manter a sua austeridade e devolver toda monumentalidade e emoção próprias deste tipo de edificações”. As modificações lntroduzidas pelos arquitetos, visaram atender as necessidades de uma morada contemporânea e de escritórios administrativos oficiais também condizentes com a atualidade.

Em 1996, os estudos efetivados por Gil Borsoi retificaram problemas que iam desde a proliferação de cupins e vazamentos, até outros mais complicados como a descaracterização da arquitetura original do palácio pelas contínuas reformas e adaptações mal planejadas.

***A mudança de denominação***

Na fachada do palácio havia um brasão apresentando dois leões pintados em azulejos. Estes símbolos foram usados, posteriormente, de forma irônica, pelos jornalistas que faziam o jornal O Combate, dirigido por Neiva Moreira, que fazia oposição ao governo de Magalhães de Almeida, com artigos comparando o

governador e seus auxiliare’s, com os leões. Esta denominação foi adotada pela população e pelos sucessivos governantes que adotaram a denominação Palácio dos Leões. Hoje à frente do palácio existem duas estátuas de leões.

**São Luís – Catedral Metropolitana**

**Considerado** um dos monumentos históricos mais antigos e importantes de São Luís do Maranhão, a Igreja da Sé (ou Catedral Metropolitana) foi denominada Igreja de Nossa Senhora da Vitória, em homenagem a Nossa Senhora, protetora dos portugueses na Batalha de Guaxenduba.

Essa batalha ocorreu em 1615, onde hoje se localiza a cidade de Icatu e foi um confronto militar importante para acelerar a expulsão definitiva dos franceses do Maranhão. Conta-se que, nessa batalha contra os franceses, os

portugueses estavam em desvantagem quanto ao número de soldados. Pediram ajuda a Nossa Senhora e foram atendidos. Por isso, a igreja foi denominada Nossa Senhora da Vitória.

A edificação foi iniciada em 1619 pelo 3º Capitão-Mor Diogo Machado da Costa que, no final do seu mandato, em 1622, a inaugurou.

IgrejaQuase setenta anos depois, a Companhia de Jesus deu início às obras da igreja de Nossa Senhora da Luz, conforme desenho feito pelo padre Felipe Bertendorf e aprovado por Roma. A construção ficava próxima à modesta igreja construída pelo Capitão-Mor Diogo Machado e foi concluída em 30 de julho de 1699.

Em 1761, após a expulsão dos jesuítas do Brasil (1759-1760), ficou determinado que os bens daquela ordem religiosa passariam para a Fazenda Nacional e o Colégio e a Igreja de Nossa Senhora da Luz iriam servir de Paço Episcopal e Catedral. Como a primeira e antiga igreja estava bastante arruinada, a dos jesuítas tornou-se catedral, deixando de ter como padroeira Nossa Senhora da Luz e passando a ter como titular Nossa Senhora da Vitória. A antiga igreja foi demolida no ano de 1763.

Durante sua longa existência sofreu reformas, muitas malfeitas, que culminaram com desmoronamento de parte da igreja e sua reconstrução. Em 1701, restauração do frontispício; 1737: afixação de relógio doado pela Casa da Câmara; 1768: ampliação da capela-mor pelo Cabido; 1851-1927: restauração do assoalho, execução de obras de encanamento para luz de gás hidrogênio; reconstrução da fachada, com o acréscimo da torre norte; colocação de novo piso e nova pintura. As formas atuais da Igreja da Sé ou

Catedral Metropolitana de São Luís do Maranhão é o resultado da reforma ocorrida em 1922.

No período de 1993 a 1996, a 3ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) realizou obras de restauração que recuperaram o ouro primitivo “encoberto por pintura azul e branca que refletem um simbolismo litúrgico muito frequente no barroco luso-espanhol, austríaco e sul-americano em geral”.

A Catedral é tombada pelo Iphan e tem como destaque o altar-mor, do século XVIII, que é considerado um tesouro da arte barroca brasileira.

Texto: Virgínia Barbosa.

Fonte: Fundação Joaquim Nabuco.

**Histórico do município:** A Fundação oficial data de 1612, quando os franceses passaram a ocupar a região, e ao instalarem o Forte de São Luís, homenagem ao Rei-menino Luís XIII, vindo daí a denominação da cidade.

Sua história urbana possui características da colonização portuguesa, tendo em seu núcleo fundacional reflexos urbanísticos planejados no século XVII, pelo Engenheiro-Mor Frias de Mesquita, traçado quadrilátero ortogonal – de influência espanhola – que se adequa à declividade da área. Este traçado auxiliou na expansão do núcleo central, que continua até hoje. Esta foi uma das características que conferiu à cidade o título de Patrimônio Mundial reconhecido pela UNESCO, em 1997.

Faz parte do seu patrimônio cultural a riqueza de poemas e romances dos seus grandes escritores, tais como Aluísio de Azevedo, Gonçalves Dias, Graça Aranha, dentre outros, o que tornou a cidade conhecida como Atenas

Maranhense. Além da literatura, os ritmos cadenciados transbordam alegria e sensualidade, através do tambor de crioula, do reggae e do bumba-meu-boi.

Outro bem patrimonial histórico é revelado através de seus casarões e fachadas azulejares, construções do século XIX, que trouxeram uma peculiaridade especial a São Luís, capital brasileira com maior número de casarões em estilo tradicional português e maior conjunto arquitetônico homogêneo da América Latina.

# Lençóis maranhenses

Os **lençóis maranhenses**, um dos principais pontos turísticos do estado do Maranhão, no Brasil, faz parte do **Parque Nacional dos Lençóis** que tem uma área de 156,5 mil hectares. A [paisagem](https://www.infoescola.com/geografia/paisagem/) é composta principalmente por [dunas](https://www.infoescola.com/geografia/dunas/) de areia branca, que lembram lençóis jogados na cama, formadas pela força dos ventos que constantemente mudam de posição alterando a aparência da região. A época da chuva vai de janeiro até maio, e a época seca começa em junho e vai até dezembro. A temperatura média da região é de 28° C.

Por causa da falta de chuva, as lagoas podem ser encontradas secas nos meses que vão de outubro até fevereiro. Durante o período mais seco, o parque se transforma em um verdadeiro [deserto](https://www.infoescola.com/biomas/deserto/) e com as chuvas que ocorrem no final no primeiro semestre do ano, forma-se uma incrível sequência de dunas e lagoas. O final do primeiro semestre do ano, além da formação das lagoas, características da região, devido ao acúmulo da água da chuva, também marca o início da alta temporada no Maranhão, época em que o turismo é mais rentável.

O parque está situado no [bioma](https://www.infoescola.com/geografia/bioma/) [Cerrado](https://www.infoescola.com/geografia/cerrados/), mas sofre influência dos biomas [Amazônia](https://www.infoescola.com/biomas/floresta-amazonica/) e [Mata Atlântica](https://www.infoescola.com/biomas/mata-atlantica/), contendo espécies de animais que transitam entre estes três [biomas do Brasil](https://www.infoescola.com/ecologia/biomas-brasileiros/). O Parque abriga [ecossistemas](https://www.infoescola.com/biologia/ecossistema/) diversos e frágeis, como [restingas](https://www.infoescola.com/biomas/restinga/), [manguezais](https://www.infoescola.com/geografia/mangues-manguezal/) e um campo de dunas que ocupa dois terços da [unidade de conservação](https://www.infoescola.com/meio-ambiente/unidade-de-conservacao/).

A flora dos lençóis maranhenses tem espécies de ampla utilidade, desde aquelas com propriedades medicinais, passando por plantas têxteis, taníferas, ceríferas e produtoras de óleo, além de madeiras úteis. Entre as espécies mais comuns encontram-se: o capim-da-areia (*Panicum racemosum*), o capotiraguá (*Iresine portulacoides*) que se desenvolvem nas áreas banhadas pela água do mar, o alecrim-da-praia (*Hybanthus ipecacunha*), pimenteira (*Cardia curassanica*), capim paratuá (*Spartina alternifolia*), campainha braca (*Ipomea acetosaefolia*), acariçoba (*Hidrocotyle umbellata*), carrapicho-da-praia ou espinho-de-roseta (*Acicarpha spathuslata*), cardo-da-prais (*Cereus pernambucencis*), comandaiba (*Sophora tomentosa*), grama-da-praia (S*porobolus virginicus*), feijão-da-praia (*Canavalia obtusifolia*).

A grande maioria das espécies, tanto de [aves](https://www.infoescola.com/biologia/aves/) quanto de [mamíferos](https://www.infoescola.com/biologia/mamiferos/) que habitam a região dos lençóis apresenta ampla distribuição geográfica, são relativamente comuns e têm baixa especificidade de habitat, tendo, portanto, um baixo grau de vulnerabilidade à [extinção](https://www.infoescola.com/biologia/extincao/). Algumas espécies são consideradas ameaçadas de extinção pelos órgãos ambientais brasileiros como é o caso da ave guará (*Eudocinus ruber*), da [lontra](https://www.infoescola.com/mamiferos/lontra/) (*Lontra longicaudis*), do gato-do-mato/pintadinho (*Leopardus tigrinus*) e do peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*). Na área dos manguezais encontram-se animais como o jacaré-de-óculos, o veado-mateiro e a paca.

Grande parte dos solos da região litorânea dos lençóis é considerada sem aptidão agrícola. Por outro lado, algumas atividades extrativistas são exercidas dentro da área do Parque como a exploração de palmeiras de [buriti](https://www.infoescola.com/plantas/buriti/), babaçu, tucum e [carnaúba](https://www.infoescola.com/plantas/carnauba/), das quais se extraem, principalmente, palha, cera, amêndoa e coco. Há ainda extrativismo de castanha de caju e de madeira para a produção de carvão e lenha.

Convento das Mercês São Luis

O Convento das Mercês, que foi posto sob invocação de Nossa Senhora da Assunção, embora o povo não o chamasse desta forma, começou a ser construído em 1654, quando chegaram à São Luís os mercedários João Cerveira (maranhense de Alcântara) e Marcos Natividade, vindos de Belém, que se juntaram aos frades Manoel de Assunção e Antônio Nolasco, além do leigo João das Mercês. Foi erguida ali em taipa coberta de palha. No ano seguinte, em terreno adicional, reedificaram as instalações em pedra e cal, construindo a capela-mor.

Com a Independência do Brasil (7 de setembro de 1822), iniciou-se um processo de esvaziamento do imóvel que resultou em seu abandono. Somente em meados do século XIX o logradouro passará por intervenções, destinando-se seu espaço para sede do Seminário Menor. Em 5 de maio de 1905, o prédio foi vendido para o Governo do Estado do Maranhão, que tratou de fazer novas intervenções na arquitetura original, invertendo, inclusive, as frentes do convento e da igreja anexa (que davam para o mar) e lhes conferiu a unidade de fachada única.

As intervenções foram de responsabilidade do Tenente Coronel Zenóbio da Costa. O motivo era simples, o local abrigaria o quartel da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Estado, que permaneceram ali até o final da década de 1980, quando os batalhões foram transferidos para as sedes atuais.

Convento das Mercês São Luís Acervo

Tem em seu *acervo* uma coleção de cerca de quatro mil obras de arte, dentre pinturas, esculturas, objetos decorativos peças de arte sacra. A Biblioteca Padre Antônio Vieira, da FMRB, tem um acervo bibliográfico constituído por 23.733 volumes, sendo 3.217 de obras raras, com destaque para textos de padre Antônio Vieira. A FMRB também promove diversos cursos e oficinas ao longo do ano, além da realizar eventos, exposições, festivais, seminários e reuniões, buscando a integração com a comunidade do bairro do Desterro.